

LIVROS INFANTO-JUVENIS NO PROGRAMA A COR DA CULTURA: FONTES
DE ANÁLISE ACERCA DA IMAGEM DE PERSONAGENS FEMININAS
NEGRAS.

FONSECA, Ivonildes da Silva
Universidade Estadual da Paraíba

CONCEIÇÃO, Roberta Barbosa da
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

Este artigo apresenta resultados parciais acerca do Projeto de pesquisa (PIBIC-UEPB) que analisa a imagem das personagens femininas negras em livros do Programa “A cor da cultura”. A problematização é montada a partir da questão acerca da continuidade ou ruptura da perspectiva naturalizadora das personagens femininas negras, na qual as características socialmente construídas são eivadas de estereótipos negativos com predomínio da hegemonia da estética eurocêntrica.

Palavras-chave: Livros infanto –juvenis; Mulheres negras- Literatura infanto-juvenil

INICIANDO A DISCUSSÃO

Os discursos predominantes na sociedade atual acerca das mulheres negras ainda expandem imagens negativas, estereotipadas, apoiadas em concepções deterministas. Essas produções dão moldura à personagens de programas de televisão (humorísticos, telenovelas) e de livros infanto juvenis, este último, foi o nosso objeto de análise, com ênfase nas personagens femininas negras presentes nos mesmos. Dessa forma, um projeto tal qual o que conduzimos contribuirá para provocar o debate em torno da necessidade do trabalho sobre as diversidades na literatura, sobretudo a infanto- juvenil.

Neste projeto tornam-se importantes ter como objetivos específicos: discutir a relação ideológica dos conteúdos dos livros , das quais, a democracia racial, ideologia do embranquecimento e racismo; avaliar a dimensão da concepção de escravidão nos conteúdos dos livros; caracterizar as personagens femininas negras em relação à identidade social, geográfica, regional, religiosa; caracterizar as personagens femininas em relação ao padrão estético; relacionar os elementos valorizados na estética das personagens femininas negras.

Também, é importante salientar que o resultado da pesquisa será inserido no conjunto dos trabalhos que valorizam a leitura, sobretudo a que coloca em cena

personagens femininas negras com repertório histórico-antropológico e assim, contribuirá para a transformação da mentalidade social preconceituosa, em especial nos quesitos referentes ao etnicorracial e de gênero, sendo um ótimo material pedagógico para se trabalhar nas instituições educacionais, corroborando para a quebra de estereótipos negativos e paradigmas que causam a exclusão do segmento negro de modo geral, e da mulher negra em particular.

Na década de 1970 a militância negra impulsiona a formatação contemporânea do que foi denominado como Movimento Negro, sujeito coletivo que pauta as propostas sobre a questão da desigualdade social demarcando a necessidade de discutir a especificidade atinente à categoria racial no Brasil.

A partir de então outros grupos são formados afirmando a importância de um trabalho que contemple as questões sociais com o recorte racial, inclusive o movimento de mulheres negras.

O movimento de mulheres negras trouxe a ênfase sobre a discriminação racial ressaltando que sobre as mulheres negras, a prática discriminatória é acentuada, pois é interseccionalizada, havendo um acréscimo de fatores que intensificam as discriminações sofridas pelas mulheres negras, referentes a classe social, religião, geração, e raça construindo-se histórico e culturalmente estigmas depreciativos. A partir de Carneiro (1996, p.133), sabe-se que a organização das mulheres negras passaram a ter solidez pela invisibilidade dos seus problemas tanto no Movimento Feminista como também no Movimento Negro.

Das vozes femininas negras, que atestam a multiplicidade de elementos na discriminação às mulheres negras, destaca-se o nome de Lélia Gonzalez que nas décadas de 1970 e 1980 reforçou a necessidade da organização das mulheres negras e antecipou no Brasil a afirmação da “intersecção das categorias de raça e gênero como um aspecto que marca a diferença nas experiências de mulheres; a crítica ao feminismo enquanto teoria e prática, sobretudo a dificuldade em reconhecer a diversidade interna ao movimento, em particular a questão racial, dimensões que também são evidenciadas pelas feministas negras brasileiras.” (BARBOSA, 2010, p.1)

No plano das instituições sociais, a escola a partir da década de 1970 passa a ser um lócus privilegiado para oferecer elementos conceituais visando dar visibilidade à população negra, em especial, as mulheres negras. Os registros feitos por Nascimento (1996, p.142) dão conta de que em várias partes do Brasil foram engendradas ações de resistência à ideologia do embranquecimento por parte de entidades negras das quais, o

Movimento Negro Unificado, Centro de Cultura Negra do Maranhão, Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará, Grupo Solano Trindade, na cidade de Recife.

Os trabalhos desenvolvidos no campo educacional visavam enaltecer elementos concretos da cultura africana e afro-brasileira que o sistema de ensino oficial não contemplava, a exemplo do processo civilizatório cultural africano e da positivação da identidade etnicorracial. Tudo isso se enquadrava na proposta de: “afirmação de uma identidade negra e a discussão do racismo como elemento estruturante da sociedade brasileira” (FONSECA, 2010), assim percebe-se a necessidade de aceitação do ser negro, a mudança deve partir do micro para o macro, ou seja, do EU para o OUTRO, do individual para o coletivo, contextualizando o seu papel na sociedade, enquanto cidadão/ã participativo/a nas tomadas de decisões que irão incidir na sociedade de modo geral.

A partir de 1970 muitas ações vêm sendo desencadeadas e a partir do antropólogo Munanga (1984, p.45) quando refletiu sobre o processo de construção das imagens negativas sobre o povo negro, observa-se que as ações de desconstrução das imagens negativas, devem ser complexas:

A nível de debate, acadêmico ou não, um discurso contrário se impõe para refazer o espírito de tantas gerações que foi deturpado pelo discurso ocidental, dito científico. A nível prático, exige-se uma ação política multilinear, envolvendo o sistema educativo, a situação econômica do negro, a sua participação no poder político decisório, o seu estado psicológico, o restabelecimento de sua identidade étnica e do justo lugar que deva ocupar na história sócio econômica do seu país.

As ações no âmbito do Ministério da Educação apresentam desde 1994, pontos relativos às relações interétnicas e para tanto as Conferências Nacionais e Internacionais, especialmente a de 1990 evidenciou o tratamento desigual às crianças na escola e as recomendações para que a cidadania com as marcas etnicorracial e de gênero fosse alcançada.

No campo da política educacional, a lei 9394/96 é alterada pela lei 10.639/03 e logo após a sanção deste mecanismo legislativo, em 2004, com o “Programa A cor da cultura” começaram a ser produzidos no Brasil materiais didáticos para apoiar a ação pedagógica. Dentro dessa política educacional consta o objetivo de combater toda e qualquer prática preconceituosa, racista e discriminatória.

Dos materiais produzidos a partir de então temos livros, jogos que enfocam o universo cultural africano e a diversidade cultural afro-brasileira e muitos desses são distribuídos para todas as escolas públicas brasileiras.

Retomando a ruptura que as mulheres negras operaram no movimento feminista e no movimento negro levantando a bandeira de que a discriminação e o preconceito racial incidem de forma específica no segmento feminino e que dentre as várias ações importantes para alterar essa realidade, a escola é um importante espaço no processo de socialização, torna-se importante analisar nos livros em que há personagens negras femininas, qual/is a/s imagem/ens de mulher negra que eles trazem.

Sabemos que o clássico *Casa grande & Senzala*, ainda que apresente importantes questões acerca da história social do negro e da negra, generaliza de forma negativa a figura das mulheres negras no período escravista e o seu autor, Gilberto Freyre influencia, ainda, no século XXI, a manutenção e reprodução das imagens estereotipadas negativamente das mulheres negras no meio científico e no meio artístico, principalmente nas telenovelas e na literatura infanto juvenil.

Vinculada a Freyre temos a valorização da miscigenação e a ideologia da democracia racial, ambas rebatem a ideia que o Brasil é racista, e reforçam a ideia de um país em que é constante a harmonia racial nas relações sociais. Se, há infortúnios sociais para a população negra, a culpa é única e exclusivamente da falta de esforço desta.

As imagens negativas sobre as mulheres negras além de serem violências à história das mulheres negras também são atos que ferem cada mulher negra individualmente constituindo situações que são frutos de irradiações dos efeitos da “hegemonia da ‘branquitude’ no imaginário social e nas relações sociais concretas” (CARNEIRO, 2003, p.6):

Em relação ao tópico da violência, as mulheres negras realçaram uma outra dimensão do problema. Tem-se reiterado que, para além da problemática da violência doméstica e sexual que atingem as mulheres de todos os grupos raciais e classes sociais, há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a auto-estima.

Diante da complexidade da situação envolvendo a desconstrução das imagens negativas, estereotipadas, sobre as mulheres negras, torna-se de fundamental importância dar atenção especial aos livros direcionados para uma população em fase de desenvolvimento e que conforme documentos públicos oficiais (Constituição Federal de 1988, Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Curriculares para Educação das Relações étnicorraciais dentre outros) esse segmento deverá ser orientado para a vida social com exercitando o respeito à diversidade, com solidariedade, como atributos importantes à garantia da dignidade humana. Assim, é imprescindível que se trabalhe desde cedo na perspectiva de valorização da cor negra, enaltecendo a mulher negra na sua totalidade.

A PROPOSTA DE ANÁLISE

Para o alcance dos objetivos propostos as fontes trabalhadas consistiram de livros (animados e impressos) reproduzidos pelo Programa “A cor da cultura” e a análise das obras foi balizada por meio da leitura crítica da ideologia do embranquecimento, da democracia racial e do racismo na intersecção com a categoria de gênero.

A discussão dessas ideologias subsidiará a análise do discurso tomada, neste projeto, como a técnica que possibilitará a identificação do sistema de crenças e valores reconstruídos através das imagens, segundo a ótica de Bardin é possível identificar os aspectos imiscuídos nas personagens, referentes a fala, a vestimenta, adornos, cabelo, moradia, religião, pois esta técnica busca ir além do aparente, do explícito, havendo uma constante procura por um texto sobre outro, seja a partir de um gesto (imagem), ou da fala (discurso).

Divide-se em três etapas, a primeira é a Pré-análise, que consiste na sistematização dos dados da pesquisa, ou seja, a escolha dos documentos; a segunda, é a Exploração do material, sendo a parte mais longa, pois é neste momento que escolhe as categorias de análise, faz-se as regras de contagem, é a análise em si; e a última etapa é o Tratamento dos resultados, aqui ocorre o diálogo entre o corpus teórico pertinente à pesquisa, e assim fundamentar nossas análises e inferências.

Assim sendo, vale ressaltar que as imagens buscadas na pesquisa tiveram a forma de gravuras e também de textos, uma vez em que, há livros nos quais a comunicação tem força nas ilustrações e há outros em que as palavras veiculam as mensagens.

Em suma, as obras analisadas foram as seguintes:

-  Menina bonita do laço de fita;
-  As traças de Bintou;

- ✚ Ana e Ana;
- ✚ Bruna e a galinha D'Angola;
- ✚ O cabelo de Lêle;
- ✚ Ovelha Negra;
- ✚ A botija de Ouro.

A partir dessas imagens será discutida a relação ideológica no campo etnicorracial apresentada nos conteúdos dos livros supracitados, avaliando nesse percurso se a instituição da escravidão foi redimensionada para uma compreensão que contemple as resistências forjadas pelos seres vivos, forçosamente tratados como “mercadorias”.

Nesse processo, as personagens femininas negras foram para o plano da análise e assim, sendo vistas enquanto possuidoras de identidades e de uma estética. As primeiras categorias observadas serão situadas no âmbito social, regional e religioso e à segunda, será destinada uma leitura dos fenótipos para compreender se o padrão estético eurocêntrico permanece de forma hegemônica nos livros produzidos. Apresentaremos a seguir um quadro da síntese das obras citadas anteriormente em suas categorias de análise.

SÍNTESE DAS OBRAS

LIVROS	CATEGORIAS		PALAVRAS-CHAVES	CONTAGEM
Menina bonita do laço de fita	IMAGEM	DISCUSSO	Menina, pretinha, avó	Fenótipo da menina: 6 Fenótipo da mãe: 3
	Olhos, cabelos, pele	Princesa, bonita, fada, mulata, linda, risonha		
Bruna e a galinha D'Angola	Tranças, vestimenta	Bruna era uma menina que se sentia muito sozinha, depois da chegada de Conquém as outras meninas se aproximaram de Bruna, seu tio era oleiro	África, avó, Conquém, criação do mundo, aldeia	Galinha D'Angola/Conquém 32
Ana e Ana	Roupas, calçados, cabelos,	Quando cresceram ambas tomaram	Avó,	Diferenças entre elas: Cor; Comidas; Comportamentos;

	presentes todos iguais	rumos diferentes	Iguais, diferentes	Som; Cabelos; Roupas; Trabalho 7
As tranças de Bintou	Túnicas, turbantes, colares, tranças	Meu cabelo é curto e crespo, meu cabelo é bobo e sem graça x Meu cabelo é negro e brilhante, meu cabelo é macio e bonito	Avó, birotos, aldeia, tranças	Cabelos: 16 Tranças: 17 Birotos: 8 Franjas: 1
O cabelo de Lelê	Vários tipos de cabelo	Lelê não gosta do que vê - de onde vêm tantos cachinhos? X “Lelê gosta do que vê! Vai a vida, vai ao vento, brinca e solta o sentimento	Cachinhos, lindos e belos	Cachinhos: 2 Cabelo: 3
A ovelha negra	Várias cores de lã	Tita aceitou sua cor negra, e começou a sentir orgulha por ser a única ovelha negra do rebanho.	Diferença de cor, branco, preto, rejeição.	Bonita 1 alegre 1 contente 1
A botija de ouro	Olhos, cabelos, pele, vestimentas	A união , o empenho da família para dar um nome para menininha personagem principal.	Botija, resistência, Família.	Aluá 1; Gerebô 1; Quituxe 1; Giga 1; Azuzê 1; Anuanda 1, Belquise 3.

A partir deste quadro percebemos que as histórias enfatizadas são de cunho valorativo, enaltecedor, que visa quebrar os estereótipos impostos e construídos em prol das mulheres negras, assim sendo, estes livros corroboram com o enfraquecimento da ideologia de branqueamento, e traz à baila a cor negra como fenótipo belo, bonito, valorizando a estética supracitada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito tempo que as obras infanto-juvenis no Brasil trazem imagens estereotipadas e caricaturais acerca das mulheres, meninas negras, homens e meninos negros contribuindo de forma direta e indireta para o rebaixamento da auto estima desses indivíduos.

São livros que ressaltam a estética e os valores europeus e ceifam sonhos e esperanças das crianças no momento de formação das pessoas humanas que é, a infância. Assim, vale interrogar quem nunca sonhou com as princesas e príncipes brancos? E tudo isso dentro de um entendimento de que os títulos de nobreza eram exclusividades de pessoas brancas.

Dessa forma, trazemos à baila a literatura infanto juvenil com personagens negras, felizes, bem sucedidas financeiramente, autônomas, com seus fenótipos valorizados, vistas como seres capazes e pensantes, corroborando com a quebra de preconceitos e discriminações raciais.

Todavia, muitos foram os que insistiram, reivindicaram e com a sanção da lei 10.639/03 muitas possibilidades foram abertas, embora ainda insuficientes e, nesse contexto há que ser elevada a produção de obras infanto-juvenis com valorização e presença negra, especialmente das mulheres e meninas gozando de decência na imagem e nas funções sociais desempenhadas.

REFERENCIAS

- BARBOSA, Lícia Maria de Lima. Feminismo negro: notas sobre o debate norte-americano e brasileiro. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291423_ARQUIVO_FazendoGenero9LiciaBarbosa1.pdf Acesso em: 17 de junho de 2012
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2013
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n49, São Paulo, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008 Acesso em: 23 de novembro de 2012

_____. A experiência do Geledés: SOS Racismo na tutela dos direitos de cidadania da população negra. In: MUNANGA, Kabengele (org). **Estratégias e políticas de combate à discriminação**. São Paulo: EDUSP, 1996.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> Acesso em: 23 de junho de 2013

FONSECA, Ivonildes da Silva. O movimento negro da Paraíba: breve histórico. In: ROCHA, Solange Pereira da; FONSECA, Ivonildes da Silva. **População negra na Paraíba**: educação, história e política. Campina Grande: EDUFPG, 2010. V.1

FREYRE, Gilberto. O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro. In: _____ Casa Grande & Senzala. 25ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. p. 283-409.

MUNANGA, Kabengele. Raízes científicas do mito do negro e do racismo ocidental. In: **Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde**, v.1, n1, p.39-47, 1984